



Joaquim Pinheiro  
Carmen Soares  
(coords.)

# PATRIMÓNIOS ALIMENTARES DE AQUÉM E ALÉM-MAR

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

«*DULCISSIMUM (...) MOLLISSIMUMQUE ET (...) UTILISSIMUM*  
(PLIN. *NAT.* 28.72): CONSIDERAÇÕES SOBRE O LEITE MATERNO  
E A AMAMENTAÇÃO NOS TEXTOS ANTIGOS SOBRE MEDICINA.»

«*Dulcissimum (...) mollissimumque et (...) utilissimum*  
(Plin. *Nat.* 28.72): notes on breast milk and  
breastfeeding in ancient medical texts.»

CRISTINA PINHEIRO  
Universidade da Madeira  
cristina.pinheiro@staff.uma.pt

**RESUMO:** Considerado por Plínio uma das substâncias medicinais mais benéficas, o leite materno é ingrediente louvado em todos os tratados de matéria médica pelas suas qualidades curativas. Ainda assim, os textos médicos sobre a condição e as doenças femininas desenvolvem um conjunto de reflexões acerca das qualidades do leite materno, em especial nas primeiras semanas após o parto, que questionam as vantagens de o recém-nascido ser amamentado pela mãe. Tomando esta reflexão como base, avaliamos que importância se concedia à amamentação materna numa sociedade como a romana, em que a contratação de amas-de-leite parece ter sido comum. Procuramos na análise dos textos acerca da alimentação do recém-nascido e do regime de vida das amas-de-leite traços da construção cultural da maternidade e da natureza da relação entre a mãe e os seus filhos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Infância na Antiguidade Clássica; medicina antiga; amamentação; maternidade; Sorano de Éfeso.

**ABSTRACT:** Pliny considered breast milk one of the most beneficial medicinal substances, a much praised ingredient in all treatises about *materia medica* due to its healing qualities. Still, the medical texts about female nature and diseases weave a series of considerations about the qualities of breast milk, especially in the first weeks after birth, and question the advantages for the newborn being breastfed by the mother. Taking this reflection as a basis, we assess the importance granted to breastfeeding in Roman society, where hiring wetnurses seems to have been a common practice. We analyse texts that provide information about how to feed a newborn and how wetnurses should live, in order to perceive the cultural construction of motherhood and the expected nature of the relationship between the mother and her children.

**KEYWORDS:** Children/Childhood/Newborn in Greece and Rome; Ancient medicine; Breastfeeding; Motherhood; Soranus of Ephesus.

A amamentação é a primeira forma de alimentação do ser humano. Tratando-se de um processo natural e como tal entendido pelos autores

antigos, está ainda assim associado desde cedo a factores de ordem social, económica e cultural que condicionaram, ao longo dos séculos, a forma como o entendemos. O recurso frequente e prolongado ao leite materno deve ter sido importante para garantir a sobrevivência do recém-nascido. Na inexistência de alternativas seguras, o leite materno seria o alimento menos afectado por condições de higiene limitadas, provavelmente uma das razões principais das taxas de mortalidade perinatal elevadas que caracterizavam as sociedades antigas.

Quando, na *História Natural* (28.70), Plínio discorre sobre as propriedades medicinais das substâncias produzidas pelo corpo humano, e em específico pelo corpo das mulheres, afirma assemelharem-se estas (cabelos, leite, saliva e sangue menstrual) aos prodígios mais admiráveis:

*Quae ex mulierum corporibus traduntur, ad portentorum miracula accedunt, ut si-  
leamus diuis<os> membratim in scelera abortus, mensum piacula quaeque alia non  
obstetricis modo, uerum etiam ipsae meretrices prodidere. (Nat. 28.70.1)*

“Os remédios que se diz terem origem no corpo das mulheres estão muito próximos dos prodígios mais monstruosos, ainda que mantenhamos silêncio sobre o desmembramento criminoso dos fetos abortados, as utilizações abomináveis da menstruação e outras que foram divulgadas não apenas pelas parteiras, mas, na verdade, também pelas próprias meretrizes.”<sup>1</sup>

Num vocabulário que oscila entre a expressão de respeito e valorização, por um lado, e de temor e aversão, por outro, Plínio vai enumerando as utilizações que as substâncias produzidas pelo corpo feminino podem ter no tratamento de condições e patologias várias. É neste contexto que se situa o célebre excerto sobre as propriedades do sangue menstrual, assunto também explorado em *Nat.* 7.64-66. A ambivalência em relação ao corpo feminino deriva certamente do reconhecimento do poder das suas capacidades intrínsecas. Poderoso mas assustador, o corpo das mulheres produz substâncias que podem ser usadas para o bem e para o mal, como se deduz do texto acima<sup>2</sup>.

Acerca do leite materno, afirma que se trata de uma substância muito doce (*dulcissimum*), muito delicada (*mollissimum*) e extremamente útil no tratamento de uma febre longa e das dores de estômago<sup>3</sup>. É ainda antídoto

---

<sup>1</sup> Para o texto de Plínio, usamos a edição de A. Ernout 1962, substituindo apenas -v por -u. As traduções são da nossa autoria, excepto quando indicação do tradutor. Quando não identificada a edição, recorremos aos textos latinos do Packard Humanities Institute e aos gregos do *Thesaurus Linguae Graecae*.

<sup>2</sup> Veja-se, a este propósito, Richlin 1997: 201ss.

<sup>3</sup> *De lactis usu conuenit dulcissimum esse mollissimumque et in longa febris coeliacisque utilissimum.*

«*Dulcissimum (...) mollissimumque et (...) utilissimum* (Plin. Nat. 28.72): considerações sobre o leite materno e a amamentação nos textos antigos sobre medicina.»

para venenos e remédio particularmente benéfico para patologias oftálmicas<sup>4</sup>. O leite humano distingue-se do leite de origem animal:

*maxime autem alit quodcumque humanum, mox caprinum (...). dulcissimum ab hominis camelinum, efficacissimum ex asinis.* (Nat. 28.124)

“O que mais alimenta é o [leite] humano, qualquer que ele seja, a seguir o de cabra (...). O mais doce a seguir ao humano é o de camelo, o mais eficaz o de burra.”

Também Dioscórides, no seu manual de farmacologia, recorre ao uso de superlativos para caracterizar o leite humano:

τὸ δὲ τῆς γυναικὸς γάλα γλυκύτερον ἐστὶ καὶ τροφιώτατον. (2.70.6)

“O leite da mulher é o mais doce e o mais nutritivo.”

Na *História dos Animais*, Aristóteles estabelece as características fundamentais do leite materno: o leite de cor mais escura é melhor do que o branco, o das mulheres de pele morena é mais saudável do que o das de pele clara. O leite mais nutritivo (τροφιώτατον) é o que tem mais caseína<sup>5</sup>. Sorano de Éfeso, no livro 2 do seu tratado sobre condições e doenças femininas, no qual examina os cuidados a prestar ao recém-nascido, descreve igualmente quais as características do melhor leite, definindo como critérios para a sua qualidade: a cor, o odor, a consistência, a espessura, o gosto e a resistência a alterações decorrentes do tempo. A cor deve ser esbranquiçada, o odor agradável, a consistência homogênea. Quanto à espessura, o leite não deve ser nem demasiado fluido nem demasiado denso. Deve ser doce e saboroso e não se estragar facilmente quando deixado em repouso (2.9 = Ilb. 2.21<sup>6</sup>).

<sup>4</sup> Um indivíduo que unte os olhos simultaneamente com o leite de mãe e filha fica para sempre livre de doenças nos olhos: “eum, qui simul matris filiaque lacte inunctus sit, liberari omni oculorum metu in totam vitam adfirmant.” “dizem que aquele que se tiver ungido simultaneamente com o leite de mãe e filha fica livre de qualquer receio pelos seus olhos durante toda a vida.

<sup>5</sup> 523a.10 Τῶν δὲ γυναικῶν τὸ πελιώτερον γάλα βέλτιον τοῦ λευκοῦ τοῖς τιθηνομένοις· καὶ αἱ μέλαιναί τῶν λευκῶν ὑγιεινότερον ἔχουσιν. Τροφιώτατον μὲν οὖν τὸ πλείστον ἔχον τυρόν, ὑγιεινότερον δὲ τοῖς παιδίοις τὸ ἐλαττον. “Nas mulheres, o leite com uma cor acinzentada é mais alimentício do que o branco. As mulheres morenas têm um leite mais saudável do que as brancas. De toda a maneira, o leite mais nutritivo é o que é mais rico em caseína. Pelo contrário, o mais pobre neste componente é melhor para as crianças.” Tradução de Sousa e Silva 2006: 157-158. Relativamente a esta afirmação, diga-se que o colostro, por se considerar mais espesso e com uma textura semelhante à do queijo, era considerado nocivo, como se vê *infra*.

<sup>6</sup> Seguimos a edição do texto de Burguière, Gourevitch & Malinas 2003<sup>2</sup>, mas complementamos a identificação dos excertos com o número dos parágrafos correspondentes na edição de Ilberg para o *Corpus Medicorum Graecorum* (1927). Nos textos de medicina antiga, este tema parece ter sido comum. Na obra de Oribásio (Lib. inc. 15-16), recolhem-se as considerações de Mnesiteu e de Galeno acerca do melhor leite.

Além do seu uso evidente como alimento da criança pequena, o leite materno parece, de facto, ter sido usado com frequência como ingrediente de remédios e mesinhas de aplicações diversas. Já nos tratados hipocráticos relacionados com as doenças femininas, que tomamos como exemplo, é indicado em receitas para purificar o útero, para expulsar os lóquios, para libertar ar e sémen retidos no útero, para facilitar a concepção<sup>7</sup>. É também indicado em dois testes para identificar o sexo do feto ainda no ventre materno: mistura-se um pouco de leite da mãe grávida com farinha, formando um pequeno pão que se coze em lume brando. Se o pão se queimar, o feto é um rapaz, se se abrir, é uma menina. O outro teste consiste em cozinhar duas folhas em que se colocou um pouco de leite: se o leite coagula, o feto é do sexo masculino, se se dissolve é do feminino (*Steril.* 216). Esta oposição entre a firmeza do macho e a instabilidade e a falta de consistência da fêmea dá continuidade à oposição entre os sexos que se discerne nos tratados hipocráticos. O homem tem a carne mais densa e mais firme, a mulher mais esponjosa e mais porosa<sup>8</sup>. A caracterização dos sexos que se faz mediante a exploração de binómios estabelece diferenças fundamentais também nas propriedades do leite materno. O leite da mãe que gerou um rapaz é o indicado em receitas para facilitar a concepção e parece ser mais eficaz do que o leite de uma mãe que deu à luz uma menina. Séculos mais tarde, ainda Plínio afirmará que este serve apenas para curar os problemas da face, enquanto o leite da mãe de um rapaz parece ser eficaz em qualquer condição patológica. O da mãe que amamenta gémeos, ambos rapazes, é *multo efficacissimum* “de longe o mais eficaz”<sup>9</sup>.

Esta relação entre o que se gera no útero e o leite materno fundamenta-se numa associação que se faz já precisamente nos tratados hipocráticos entre o sangue menstrual e o leite produzido pela gestante. Em *Epidemias* 2.3.17, lê-se que o leite é irmão do fluxo menstrual (τὰ γάλακτα, ἀδελφὰ τῶν ἐπιμηνίων). O leite e o sangue menstrual excluem-se mutuamente: em *Aph.* 5.39, afirma-se que uma mulher que não está grávida nem deu à luz, mas que tem leite, sofre de amenorreia<sup>10</sup>. De facto, parece ter sido coerente a crença numa origem comum destas substâncias ou mesmo na transformação do fluxo menstrual em leite. Durante a gravidez, é o primeiro que nutre o feto, depois transforma-se em leite para alimentar o recém-nascido. Por isso, o

<sup>7</sup> Vejam-se, a título de exemplo, *Mul.* 1.74, 1.75, 1.78, 1.84, 1.105, 2.162, 2.179, 2.205; *Ster.* 4.31, *Nat. Mul.* 32.719, etc.

<sup>8</sup> A bibliografia acerca das diferenças entre os sexos exploradas nos tratados hipocráticos é extensa. Cf., por exemplo, Dean Jones 1994, King 1998 ou Pinheiro 2010 e 2012.

<sup>9</sup> “eius uero, quae feminam enixa sit, ad uitia tantum in facie sananda praeualet.” (*Nat.* 28.75)

<sup>10</sup> “Ἦν γυνή μὴ κύουσα, μηδὲ τετοκυῖα, γάλα ἔχη, ταύτη τὰ καταμήνια ἐκτέλειπεν. “Se uma mulher que não está grávida nem deu à luz tem leite, faltou-lhe a menstruação.” Veja-se a tradução latina de Celso: “Quae neque peperit neque grauida est, si lac habet, a menstruis defecta est.” “Se a mulher que nem deu à luz nem está grávida tem leite, faltou-lhe a menstruação.”

«*Dulcissimum (...) mollissimumque et (...) utilissimum* (Plin. Nat. 28.72): considerações sobre o leite materno e a amamentação nos textos antigos sobre medicina.»

autor do *De natura pueri* afirma que as mulheres que têm períodos menstruais escassos também não têm leite (30). Quando uma mulher grávida tem leite antes de a criança nascer, esta é frágil e corre perigo de vida (*Aph.* 5.52). O fluxo menstrual nutre a criança *in utero*, o leite materno nutre-a depois do parto. Um e outro não são mais do que duas fases de um mesmo processo fisiológico. Outra teoria, porém, apresentada em alguns tratados hipocráticos associa o leite materno à parte mais doce dos alimentos consumidos pela gestante, que nos seios se transforma em leite (*Mul.* 1.73; *Gland.* 16)<sup>11</sup>.

Regressemos a Plínio. Em *Nat.* 28. 123, declara que para cada animal o melhor leite é o da sua mãe: *utilissimum cuique maternum [lac]* “para cada animal o leite mais útil é o materno”. Sorano defende igualmente que o melhor leite para uma criança é o da própria mãe. Se esta tiver condições físicas semelhantes às das melhores amas, deve ser ela a amamentar o filho, já que o seu leite é o que mais se adequa à criança. Trata-se, de facto, de uma maior *sympatheia*, de uma maior afinidade entre mãe e filho.

ἄμεινον γὰρ τῶν ἄλλων ἐπ' ἴσης ἐχόντων τῷ μητρῷ γάλακτι τρέφεσθαι τὸ νήπιον· τοῦτο γὰρ οἰκειότερον αὐτῷ, καὶ πρὸς τὰ γεννηθέντα συμπαθέστεραι μᾶλλον αἱ μητέρες γίνονται, καὶ φυσικώτερον ὡς πρὸ τῆς ἀποτέξεως οὕτως καὶ μετὰ τὴν ἀπότεξιν ἀπὸ τῆς μητρὸς τρέφεσθαι. (2.7 = 2.18 Ilb)

“Pois, sendo todas as outras circunstâncias iguais, é melhor que a criança seja alimentada com o leite da mãe. É que este é mais adaptado à criança, as mães têm mais afinidade com os filhos que geraram, e é mais natural ser alimentado pela mãe depois do nascimento tal como era antes do nascimento.”

Esta afinidade física entre a mãe e o filho não impede, ainda assim, que se imponha um outro tipo de preocupação, mais centrada no estado físico da mãe e, em consequência, na qualidade do leite durante os primeiros dias depois do parto. Sorano recomenda que o recém-nascido não seja alimentado durante os primeiros dois dias de vida (2.7 = Ilb. 2.17), uma vez que mantém ainda o nutrimento que recebeu no ventre materno. Deve passar-se pela boca da criança o dedo untado com mel moderadamente cozido e podem também verter-se na sua boca algumas gotas de hidromel. Trata-se, de acordo com Sorano, de uma forma de preparar as vias da alimentação e o apetite do bebé.

Ao terceiro dia, a criança deve finalmente ser amamentada, mas não necessariamente pela mãe:

τῇ δὲ ὕστεραία τῶν ἡμερῶν μετὰ τὴν ἐπιμέλειαν γάλακτι λοιπὸν τρέφειν ἕκτινος τῶν τιτθεύειν καλῶς δυναμένων. τὸ γὰρ μητρῶν ἕως ἡμερῶν γ' εἰκότως ἐπὶ τὸ πλεῖστον φαῦλόν ἐστιν, ὡς ἂν παχὺ καὶ τυρῶδες ἄγαν καὶ διὰ τοῦτο

<sup>11</sup> Veja-se, a este respeito, Dean-Jones 1994: 215ss.

δύσπεπτον καὶ ἄργον καὶ ἀκατέργαστον καὶ ἀπὸ σωμάτων κεκακοπαθηκόντων καὶ ἐκτεταραγμένων φερόμενον, καὶ τοσαύτην μετακόσμησιν εἰληφότων ὄσσην ὀρῶμεν συμβαίνουσιν μετὰ τὴν ἀποκύησιν, ἰσχνουμένου καὶ ἀτονούντος καὶ ἄχρουόντος τοῦ σώματος, καὶ πολλὴν αἵματος ἀπόκρισιν ὑπομένοντος, τὰ πολλὰ δὲ πυρέττοντος· ὧν χάριν πάντων τὸ μητρῶον γάλα, μέχρις ἂν εὐσταθήσῃ τὸ σῶμα, συντάσσειν ἄτοπὸν ἐστίν. (2.7 = Ilb. 2.18)

“No dia a seguir a estes, depois dos cuidados, finalmente deve alimentar-se [a criança] com o leite de uma mulher das que são capazes de amamentar de forma conveniente. É que o leite materno até ao terceiro dia é, como seria de esperar, de má qualidade. É espesso, demasiado caseoso e por esta razão indigesto, inerte, difícil de digerir, produzido por um corpo em sofrimento e em dificuldades e que experimentou uma alteração como a que vemos acontecer depois do parto: emagrecimento, fraqueza e palidez do corpo, grandes perdas de sangue, muitas vezes acompanhadas de febre. Por todas estas razões, prescrever o leite da mãe, enquanto o corpo desta não se restabelecer, é prejudicial.”

Assim, o recurso a uma ama-de-leite é a melhor alternativa. Ainda assim, na ausência de uma mulher capaz de desempenhar esta função, continua Sorano, será necessário recorrer ao leite da mãe. Nesta circunstância, deve primeiro alimentar-se o recém-nascido com mel cozido, simples ou misturado com leite de cabra. Antes a mãe deve extrair algum leite, porque, afirma Sorano, o primeiro leite “é pesado”, “difícil de mamar” e “muito denso” (2.7 = Ilb. 2.18)<sup>12</sup>. O colostro, cujas virtudes imunológicas hoje em dia reconhecemos, é nos textos médicos antigos considerado nocivo, indigesto e não recomendável. Plínio afirma tratar-se de leite com uma consistência esponjosa e densa (*Nat.* 28.123). Além disso, a condição da mãe após o parto condiciona, como se lê no texto de Sorano, a qualidade do leite. Os padecimentos e as alterações violentas sofridas no parto tornam pouco indicado o primeiro leite, que é produto de um corpo doente.

Sorano menciona um autor desconhecido, de nome *Damastes*, que recomendaria, ao contrário do que Sorano defende, que a mãe amamente o recém-nascido logo depois do parto, porque se a natureza dotou a mãe com a capacidade de produção de leite é com a finalidade de garantir a alimentação imediata da criança.

As objeções e desvantagens, todavia, que Sorano vê na amamentação materna explicam por que razão considera mais conveniente o recurso a uma ama-de-leite. Impede-se, assim, que a mãe envelheça prematuramente esgotando as suas forças a amamentar o filho e permite-se a sua recuperação

<sup>12</sup> (...) βαρὺ γὰρ ἐστίν (...) δυσεκμύζητόν ἐστίν τὸ παχυμερές καὶ δυνάμενον ἐπὶ τῶν ἀρτιγενῶν διὰ τὴν τρυφερίαν τῶν οὐλῶν ἐπινασθῆναι. (2.7 = Ilb. 2.18) “(...) pois é pesado (...) a parte densa é difícil de mamar e pode alojar-se nas gengivas do recém-nascido, por causa da delicadeza destas.”

«*Dulcissimum (...) mollissimumque et (...) utilissimum* (Plin. Nat. 28.72): considerações sobre o leite materno e a amamentação nos textos antigos sobre medicina.»

para nova gravidez. Ao amamentar ela própria a criança, a mãe dispensa a sua nutrição e as suas forças, dividindo por dois o que é necessário para um. O recurso a uma ama permite ao filho um melhor desenvolvimento e à mãe uma mais rápida recuperação<sup>13</sup>, evitando assim que envelheça antes do tempo devido à fadiga da amamentação. Como tantas vezes as plantas se mudam de um solo para outro, de modo que germinam num, mas desenvolvem-se noutra, também a criança será mais robusta se amamentada por uma mulher que a não gerou. Seguem-se os conselhos que devem orientar a escolha de uma boa ama-de-leite, conselhos que a tradição repete durante séculos a fio e que passam da obra de Sorano para os seus tradutores e para os enciclopedistas bizantinos e destes para os tratados renascentistas sobre a natureza e as doenças das mulheres. Pesem embora as considerações acerca da afinidade entre o leite da mãe e o recém-nascido, a obra de Sorano parece efectivamente tomar como garantida a contratação de uma ama. Chega a sugerir que o melhor é ter mais do que uma à disposição, de modo a garantir que a criança não estranhe o leite de uma ama a que não está habituada. Mesmo nas indicações que dá acerca da qualidade do leite e do regime alimentar é da ama que se trata sempre, e nunca da mãe<sup>14</sup>.

Ainda que criticada por alguns autores em notas marcadamente moralistas, a contratação de *nutrices* ou *tithai* parece ter sido uma prática corrente, pelo menos em Roma nos primeiros séculos da nossa era. As informações recolhidas em inscrições e papiros, associadas ao que nos transmitem os textos literários parecem mostrar que, pelo menos – mas provavelmente não só – entre as classes mais elevadas da população, era comum que as crianças fossem amamentadas por uma mulher que não a sua mãe<sup>15</sup>. Especialmente se a mãe falecesse durante o parto, ou se tivesse alguma limitação de ordem física, podia ter sido efectivamente necessário recorrer aos serviços de uma *nutrix*<sup>16</sup>.

A julgar pelas considerações de Sorano acerca da recuperação das mulheres a seguir ao puerpério, podem justificar esta prática factores de ordem social

---

<sup>13</sup> ἄμεινον οὖν ἢ μήτηρ ἀπαλλάξει πρὸς τε τὴν ἑαυτῆς ἀνάκτησιν καὶ πρὸς τεκνοποιῖαν ἄλλων. “é melhor portanto que a mãe se liberte para a sua recuperação e para a concepção de outras crianças.” (2.7 = Ilb. 2.18). Não é claro que os autores antigos tenham tido conhecimento das propriedades contraceptivas da amamentação.

<sup>14</sup> Nos textos antigos sobre medicina, as indicações acerca da escolha da melhor ama e do regime alimentar que esta devia seguir são muito frequentes e extensas. Veja-se, a título de exemplo, Sorano 2.8 (= Ilb. 2.19) e os textos recolhidos em Oribásio, *Collectiones medicae: libri incerti* 28-31 [13]; 34-35 [17].

<sup>15</sup> As *nutrices* podiam também amamentar os filhos de escravos, libertando assim as mães para as suas funções laborais. Cf. Bradley 1986: 207ss.

<sup>16</sup> Na *Consolatio ad uxorem*, em que Plutarco elogia a esposa pela forma digna e sóbria como lidou com a morte da pequena Timóxena, realça o facto de a própria mãe ter amamentado outro filho, também falecido, e de ter sido sujeita a um procedimento para curar os ferimentos dos mamilos. Plut. *Mor.* 609E.

e cultural, relacionados principalmente com a necessidade de manter a mãe disponível para uma nova gravidez. Esta mesma ideia aparece no *De liberis educandis* atribuído pela tradição a Plutarco. Como Sorano, defende, ainda que com uma assertividade mais evidente, que deve ser a mãe a alimentar os seus filhos<sup>17</sup>, mas, em caso de doença ou se se preparar o nascimento de outros filhos, esta incumbência deve recair numa mulher escolhida de acordo com critérios rigorosos:

μάλιστα μὲν οὖν ὅπερ ἔφην αὐτὰς πειρατέον τὰ τέκνα τρέφειν τὰς μητέρας  
δὲ ἄρ' ἀδυνάτως ἔχουσι ἢ διὰ σώματος ἀσθένειαν (...) ἢ πρὸς ἐτέρων τέκνων  
σπεύδουσαι γένεσιν, ἀλλὰ τὰς γε τίθηται καὶ τροφούς οὐ τὰς τυχούσας ἀλλ' ὡς  
ἔνι μάλιστα σπουδαίας δοκιμαστέον ἐστί. πρῶτον μὲν τοῖς ἡθεσιν Ἑλληνίδας.  
(*Mor.* 3.E.1)

“Defendo, em absoluto, que as próprias mães devem alimentar os filhos. Se, por acaso, não forem capazes, por causa de uma enfermidade física (...) ou por estarem a preparar o nascimento de outros filhos, não se devem escolher ao acaso as mulheres que cuidam das crianças e as amas de leite. O melhor é escolher as mais virtuosas. Em primeiro, com costumes à maneira grega.” Tradução de Pinheiro 2009: 39

Nas *Noites Áticas* (12.1), Aulo Gélcio descreve um episódio em que o filósofo Favorino de Arles, durante uma visita a um amigo que acabara de ser pai, desenvolve uma diatribe acerca da conveniência de ser a própria mãe a alimentar o recém-nascido. A mãe da parturiente argumenta perante o filósofo que não deveria acrescentar-se às dores e fadigas do parto o encargo de amamentar a criança:

*Sed cum mater puellae parcendum esse ei diceret adhibendasque puero nutrices, ne ad dolores, quos in enitendo tulisset, munus quoque nutritionis graue ac difficile accederet (...)* (Gel. 12.1.5)

“Mas como a mãe da jovem lhe dissesse que seriam trazidas amas-de-leite para a criança, de modo a que não se acrescentasse às dores que sofrera no parto o encargo pesado e difícil da amamentação (...)”

---

<sup>17</sup> δεῖ δέ, ὡς ἐγὼ ἂν φαίην, αὐτὰς τὰς μητέρας τὰ τέκνα τρέφειν καὶ τούτοις τοὺς μαστοὺς ὑπέχειν· συμπαθέστερόν τε γὰρ θρέψουσι καὶ διὰ πλείονος ἐπιμελείας, ὡς ἂν ἔνδοθεν καὶ τὸ διηλεγόμενον ἐξ ὀνύχων ἀγαπῶσαι τὰ τέκνα. αἱ τίθηται δὲ καὶ αἱ τροφοὶ τὴν εὐνοίαν ὑποβολιμαίαν καὶ παρέγγραπτον ἔχουσιν, ἅτε μισθοῦ φιλοῦσαι. (*Mor.* 3.C.5). “É necessário, assim penso, que as próprias mães alimentem os filhos e os amamentem. É que elas alimentá-los-ão com mais ternura e diligência, porque amam os filhos no seu íntimo, como se costuma dizer, ‘desde as unhas’. As mulheres que cuidam das crianças e as amas de leite têm uma indulgência enganosa e fraudulenta, uma vez que amam por causa do salário.” Tradução de Pinheiro 2008: 38.

«*Dulcissimum (...) mollissimumque et (...) utilissimum* (Plin. Nat. 28.72): considerações sobre o leite materno e a amamentação nos textos antigos sobre medicina.»

*Munus grave et difficile* é como se descreve a tarefa de amamentar, o que pode indicar que, especialmente para uma classe aristocrática com disponibilidade de mão de obra para desempenhar esta tarefa, pudesse ser mais conveniente poupar a mãe de família a este esforço. Num papiro datado já do séc. III d.C., uma sogra ou um sogro não identificado escreve ao genro: “Ouvi dizer que a obrigaste a amamentar. Se queres, deixa que a criança tenha uma ama-de-leite. Não quero que a minha filha amamente.”<sup>18</sup>. Devemos concluir, portanto, que pelo menos em algumas classes sociais, a amamentação não era necessariamente entendida como uma função materna. Como vimos, é possível identificar em especial numa certa literatura de tom didáctico e/ou moralizante o ideal da mãe que não delega em outrem a criação dos filhos. Mas estas mulheres parecem constituir excepções e não a norma<sup>19</sup>.

Tácito exalta as mulheres germânicas que alimentam com os seus próprios seios os filhos que criam elas próprias e que não entregam a criadas e amas:

*In omni domo nudi ac sordidi in hos artus, in haec corpora, quae miramur, excrescunt. Sua quemque mater uberibus alit, nec ancillis ac nutricibus delegantur.* (Ger. 20)

“Em cada casa [as crianças] crescem até atingirem a dimensão destes membros, destes corpos que nos causam admiração. A mãe amamenta cada um dos seus filhos e não os entrega a criadas e amas-de-leite.”

No *De oratoribus*, o mesmo autor reproduz a opinião do orador Vipstano Messala que recorda com nostalgia os tempos passados em que a oratória florescia, porque os filhos eram criados pela mãe e não por amas e escravos de origem e formação moral duvidosas:

*Nam pridem suus cuique filius, ex casta parente natus, non in cellula emptae nutricis, sed gremio ac sinu matris educabatur, cuius praecipua laus erat tueri domum et inseruire liberis (...). At nunc natus infans delegatur Graeculae alicui ancillae, cui adiungitur unus aut alter ex omnibus seruis, plerumque uilissimus nec cuiquam serio ministerio adcommodatus.* (Tac. Dial. 28.4.1; 29.1.1)

“Pois no passado cada um criava o seu filho, nascido de uma mãe casta, não no cubículo de uma ama-de-leite contratada, mas no regaço de sua mãe, para quem o máximo louvor era guardar a casa e estar ao serviço dos filhos (...) Mas agora, quando a criança nasce é entregue a uma criada, uma gregazita qualquer, a quem se junta um ou outro escravo do grupo, normalmente o escravo de menor valor, que é incapaz de desempenhar qualquer outra função importante.”

O já citado Favorino terá afirmado, segundo o relato de Aulo Gélio, que secar o leite para não amamentar o próprio filho é acto semelhante a um

<sup>18</sup> Pap. P. London 3.951v, em Lefkowitz & Fant 2005.

<sup>19</sup> Por exemplo, Plut. *Cat. Ma.* 20.3; [Quint.] *Decl.* 18.3.

aborto. “Deixa-a ser mãe completa!”, terá dito quando a mãe da parturiente lhe replicou que seriam escolhidas *nutrices*, assim mesmo, no plural, para amamentar o recém-nascido:

“Quod est enim hoc contra naturam imperfectum atque dimidiatum matris genus peperisse ac statim a sese abiecisse? aluisse in utero sanguine suo nescio quid, quod non uideret, non alere nunc suo lacte, quod uideat, iam uiuentem, iam hominem, iam matris officia inplorantem?” (Gel. 12.1.6)

“Que tipo de mãe não natural é esta, incompleta e deixada a meio, que pariu e já afastou de si [o recém-nascido]? Que alimentou no útero com o seu sangue algo que não via, e que não alimenta com o seu leite aquele que vê, agora vivo, agora um ser humano, agora implorando os serviços da mãe?”

O tom do discurso é efectivamente austero. Explora-se à saciedade a ideia de negligência e até de culpa por parte da mãe, insinuando-se por vezes com demasiada clareza que por detrás da contratação de uma ama estão motivos de ordem fútil, como o desejo de não desfigurar o corpo, ou de ordem moral, como o desinteresse pela criança.

Pese embora o fulgor retórico do discurso de Favorino e de outros textos afins<sup>20</sup>, não nos é lícito concluir que se considerasse que, de algum modo, a ama substituíra a mãe. Mesmo tendo em consideração que a *nutrix* se mantinha muitas vezes durante anos ao serviço da família, e que com frequência mantinha uma relação de afecto com o seu *alumnus* – basta pensar, por exemplo, no caso dos imperadores Nero e Domiciano (Suet. *Ner.* 50; *Dom.* 17), sepultados pelas suas *nutrices*, ou em Plínio, o Jovem, que atribuiu um *agellus*, uma pequena propriedade, à sua *nutrix* (*Ep.* 6.3) – a mãe é sempre a figura tutelar, como expressões como *in sinu* / *in gremio matris* mostram. O colo da mãe é símbolo de consolo e afecto, por vezes também de severidade, mas ainda assim, a maternidade enquanto esteio do desenvolvimento das crianças parece não ter estado estritamente ligada à função de amamentar.

O afecto que une a mãe aos seus filhos é considerado um sentimento natural, por vezes mesmo ao nível do animalesco. É o que revela a caracterização da mãe que perdeu os seus filhos como um animal em busca da cria perdida. Foi a natureza previdente que, de acordo com Plutarco, distinguiu os seios das mulheres das outras fêmeas. De facto, as mulheres têm os seios localizados no peito e não no ventre, o que lhes permite abraçar e beijar o ser disforme e repugnante que é o recém-nascido<sup>21</sup>. O discurso de Favorino

<sup>20</sup> Por exemplo, Macr. *Sat.* 5.11.15-19; Quint. 1.1.4-5.

<sup>21</sup> οὐδὲν γὰρ ἔστιν οὕτως ἀτελές οὐδ' ἄπορον οὐδὲ γυμνὸν οὐδ' ἄμορφον οὐδὲ μιαρὸν ὡς ἄνθρωπος ἐν γοναῖς ὀρώμενος· ἢ μόνῳ σχεδὸν οὐδὲ καθαρὰν ἔδωκεν εἰς φῶς ὀδὸν ἢ φύσις,

«*Dulcissimum (...) mollissimumque et (...) utilissimum* (Plin. Nat. 28.72): considerações sobre o leite materno e a amamentação nos textos antigos sobre medicina.»

apresenta uma ideia semelhante: os seios não foram criados pela natureza como ornamento, mas com a finalidade de providenciar alimento à criança logo após o seu nascimento.

A desconfiança relativamente à influência das amas-de-leite acompanha a censura da mãe que delega a amamentação em pessoas de origem humilde e não adequadas para desempenharem uma função que se considera tão importante. Não será provavelmente coincidência que os autores que mais pugnam pela amamentação materna tenham vivido numa época em que se considera ter havido desenvolvimentos importantes no ideal sentimental de família. A valorização da infância de que, de acordo com Rawson (2003), a representação cada vez mais frequente de mulheres e crianças em monumentos funerários privados é prova irrefutável, deve ter tido como consequência uma ênfase crescente no papel da mãe enquanto exemplo moral e educadora. Ao mesmo tempo, aumenta a visibilidade pública concedida à maternidade enquanto função cívica primordial das mulheres<sup>22</sup>.

No entanto, a contratação recorrente de amas-de-leite parece mostrar que, mais do que a transmissão de características físicas ou psicológicas através do leite materno, se valorizava a recuperação física da mãe após o parto e a disponibilização do seu corpo para a concepção de outros filhos, de modo a rentabilizar o período fértil da vida das mulheres. E mesmo um epitáfio como o de Gráxia Alexandria com a veneração que demonstra por uma mulher que com os seus seios criou os seus filhos parece ser mais uma afirmação de  *pudicitia* que a afasta da norma do que uma imposição de ordem social:

---

ἀλλ' αἴματι πεφυρμένους καὶ λύθρου περίπλεως καὶ φονευομένῳ μᾶλλον ἢ γεννωμένῳ ἐοικὸς οὐδενός ἐστιν ἄψασθαι καὶ ἀνελέσθαι καὶ ἀσπάσασθαι καὶ περιλαβεῖν ἢ τοῦ φύσει φιλοῦντος. διὸ τῶν μὲν ἄλλων ζώων ὑπὸ τὴν γαστέρα τὰ οὖθατα χαλᾷ [τοὺς μαστοὺς], ταῖς δὲ γυναιξὶν ἄνω γεγόνασιν περὶ τὸ στέρνον ἐν ἐφικτῷ τοῦ φιλήσαι καὶ περιπτύξαι καὶ κατασπάσασθαι τὸ νήπιον, ὡς τοῦ τεκεῖν καὶ θρέψαι τέλος οὐ χρεῖαν ἀλλὰ φιλίαν ἔχοντος. 496b-c. “Realmente nada há tão imperfeito, indefeso, nu, disforme e repugnante como o ser humano no momento em que nasce – o único ser a quem a natureza não proporcionou um caminho limpo em direção à luz. Como, pelo contrário, se apresenta coberto de sangue e repleto de resíduos, assemelhando-se mais a alguém que foi assassinado do que a quem acaba de nascer, ninguém tem desejo de tocar-lhe, pegar-lhe ao colo, beijá-lo e abraçá-lo, a não ser quem sinta por ele um amor natural. É por essa razão que os seios dos restantes animais ficam sob a barriga, ao passo que às mulheres nasceram-lhes em cima, no peito, num local que lhes permite beijar, abraçar e acariciar o bebé, de tal modo que a finalidade de ter filhos e criá-los reside não na utilidade mas no amor.” (tradução de Soares 2010: 46-47).

<sup>22</sup> É o que afirma Treggiari 2005: 142: “Being a mother was a particular service. The sudden appearance of portraits of women in public spaces in the city as role models as well as objects of veneration showed that all citizen women had a role to play.”.

GRAXIAE ALEXANDRIAE  
INSIGNIS EXEMPLI  
AC PUDICITIAE  
QVAE ETIAM FILIOS SVOS  
PROPRIIS VBERIBVS EDVCAVIT (...)  
(CIL 6.19128)  
A Gráxia Alexandria,  
notável pelo seu exemplo  
e pela sua pudicícia,  
que até criou os seus filhos  
com os próprios seios (...).

### BIBLIOGRAFIA

- Bradley, K. R. (1986), “Wet-nursing at Rome: a Study in Social Relations” in B. Rawson (ed.), *The Family in Ancient Rome: new perspectives*. Croom Helm, London, 201-229.
- Dean Jones, L. (1994), *Women's Bodies in Classical Greek Science*, Oxford University Press, Oxford.
- French, V. (1985), “Midwives and Maternity Care in the Roman World” in M. Skinner (ed.), *Rescuing Creusa: New Methodological Approaches to Women in Antiquity*. Texas University Press, Lubbock - Texas, 69-84.
- King, H. (1998), *Hippocrates' Woman: Reading the Female Body in Ancient Greece*. Routledge, London & New York.
- Lefkowitz, M. R. & M. B. Fant (2005), *Women's Life in Greece and Rome: A Source book in translation*. Johns Hopkins University Press, Baltimore.
- Pinheiro, C. S. (2010), “Corpos em construção: natureza e condições do corpo feminino na Antiguidade greco-romana”, *Cadmo* 20, 479-497.
- Pinheiro, C. S. (2012), *Orbae Matres: A Dor da Mãe pela Perda de um Filho na Literatura Latina*, FCT-Gulbenkian, Lisboa.
- Rawson, B. (2003), *Children and Childhood in Roman Italy*. Oxford University Press, Oxford.
- Richlin, A. (1997), “Pliny's brassière” in J. P. Hallett & M. B. Skinner (eds.), *Roman Sexualities*. Princeton University Press, Princeton, 197-220.

### Edições e traduções:

- Aristóteles. História dos Animais I* (2006) (tradução de M. F. Sousa e Silva). Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa.
- Pline l'Ancien*, (1962) (introduction, traduction et commentaire par A. Ernout). Les Belles Lettres, Paris.
- Plutarco. Obras morais. Sobre a educação das crianças*. (2008) (tradução de J. Pinheiro), Classica Digitalia/CECH, Coimbra.

«*Dulcissimum (...) mollissimumque et (...) utilissimum* (Plin. Nat. 28.72): considerações sobre o leite materno e a amamentação nos textos antigos sobre medicina.»

*Plutarco. Obras morais. Sobre o amor aos filhos. Sobre a música.* (2010) (tradução de C. Soares & R. Rocha), Classica Digitalia/CECH, Coimbra.

*Soranos d'Éphèse. Maladies des femmes II.* (2003, 2<sup>a</sup> ed.) (texte établi, traduit et commenté par P. Burguière, D. Gourevitch & P. Malinas, Les Belles Lettres, Paris.